

Design da informação e Inventário Participativo do patrimônio cultural: diálogos e aproximações

Diseño de información en el Inventario Participativo del patrimonio cultural: diálogos y enfoques

Information design in the Participatory Inventory of cultural heritage: dialogues and approaches

Eduarda Antunes Saretta, Júlia Rabetti Giannella

design da informação, inventário participativo, patrimônio cultural

Dividida em etapas de planejamento, pesquisa e apresentação, o Inventário Participativo, proposto pelo Iphan, propõe a curadoria e divulgação de informações sobre patrimônio cultural, embora não esclareça estratégias para a fase de apresentação em seu Manual. Este trabalho identifica proximidades conceituais entre o design da informação e o Inventário Participativo a partir de pesquisa exploratória e levantamento bibliográfico-documental não sistemático. Assim, como resultado, são apontadas oportunidades de intervenção do design da informação nos processos e fluxos de trabalho, com potencial para estabelecer novas mediações para a difusão do material.

diseño de información, inventario participativo, patrimonio cultural

Dividido en etapas de planificación, investigación y presentación, el Inventario Participativo (IPHAN, 2016) propone la curación y difusión de información sobre el patrimonio cultural, aunque no aclara estrategias para la fase de presentación en su Manual. Este trabajo identifica similitudes conceptuales entre el diseño de información y el Inventario Participativo a partir de una investigación exploratoria y un levantamiento bibliográfico-documental no sistemático. Como resultado, se destacan oportunidades de intervención del diseño de información en procesos y flujos de trabajo, con el potencial de establecer nuevas mediaciones para la difusión del material.

information design, participatory inventory, cultural heritage

Divided into planning, research and presentation stages, the Participatory Inventory (IPHAN, 2016) proposes the curation and dissemination of cultural heritage information, although it does not clarify strategies for the presentation phase in its Manual. This work identifies conceptual similarities between information design and the Participatory Inventory based on exploratory research and a non-systematic bibliographic-documentary literature review. As a result, opportunities for information design intervention in processes and workflows are highlighted, with the potential to establish new mediations for the content dissemination.

1 Introdução

O processo de Inventariação Participativa, que envolve colaboração ativa de comunidades na identificação e documentação de bens culturais, tem o propósito de coletar informações e difundir conhecimento (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN], 2016). Em paralelo, o design da informação busca organizar informações para compreensão e assimilação, a partir de mediação e experiência (Shedroff, 2000).

Este artigo origina-se de um Trabalho de Conclusão de Curso, cuja proposta é desenvolver e avaliar um sistema expositivo autoportante para Inventariação Participativa em escolas. Durante o desenvolvimento projetual, foi identificado que há uma carência, nos seus processos, de diretrizes de design para difusão das informações do inventário. Diante desse problema, este artigo tem como objetivo explorar as convergências conceituais entre o processo do Inventário Participativo e o design da informação, especialmente no que se refere às etapas do processo, aos papéis dos atores envolvidos e as formas de difusão através de mídias. A proposta é identificar semelhanças nos fluxos de trabalho e nas práticas comunicacionais presentes em ambos processos, destacando como o design da informação pode contribuir para uma difusão mais direcionada e que assegure a compreensão dos materiais coletados no Inventário Participativo. A metodologia adotada é uma pesquisa exploratória baseada em levantamento bibliográfico-documental não sistemático (Gil, 2008), com foco em conceitos e sistematizações para evidenciar as aproximações. Essa abordagem objetiva uma reflexão sobre possíveis caminhos para abordar a fase de apresentação de Inventários Participativos.

2 Inventário Participativo e produção de informação

Os inventários têm sua origem na formação do campo do patrimônio cultural no século XVIII como formas de produzir um novo tipo de conhecimento. Nesse contexto, inventários auxiliam na conservação e salvaguarda do patrimônio documentado, bem como na produção de conhecimento sobre ele (Motta & Rezende, 2016).

Ao longo da transformação das práticas de preservação, o conceito de inventário sempre esteve relacionado à definição de patrimônio cultural. Essa correlação se adensa a partir da necessidade de propor critérios para mensurar a importância de bens culturais e protegê-los através de ação institucional. Motta e Rezende (2016) colocam que recortes e perspectivas sobre o bem são produtos e produtores na construção de narrativas sobre grupos sociais, territórios ou episódios históricos.

Com relação ao patrimônio cultural, destaca-se que a definição mais clássica no âmbito institucional, outrora traçada pelos preceitos da Unesco em 1977, eram excludentes – o reconhecimento de bens transformados em algum grau era difícil, já que eram vistos como corrompidos de sua integridade e originalidade, não-autênticos de sua própria origem. Reforçou-se a ideia de que o patrimônio deveria ser algo excepcional, desconsiderando a dimensão participativa da sociedade em sua transformação e os dinamismos simbólicos aos quais está sujeito ao longo do tempo (Loretto, 2016). Assim, após duas décadas, houve uma

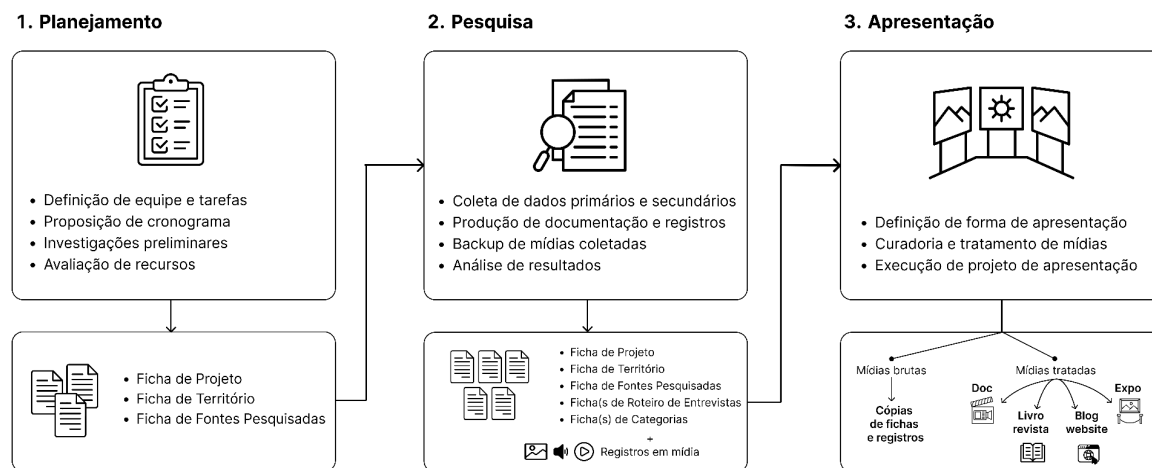
transição para considerações mais abrangentes, a fim de contemplar a relação entre sujeito e bem cultural (Lira, 2018).

Isso se reflete no Inventário Participativo, um instrumento que envolve a colaboração de voluntários para identificação/registro de bens culturais. Essa abordagem busca não apenas catalogar, mas também educar e engajar na preservação de patrimônio cultural. Não se trata, portanto, de uma categorização institucional para constituir patrimônio. O intuito é contemplar a atuação de indivíduos de diferentes formações e suas narrativas, para uma construção dialógica do conhecimento para cidadania e participação social (IPHAN, 2016).

Assim, para democratizar o acesso aos inventários em uma linguagem acessível, o Iphan (2016) desenvolveu o Manual de Aplicação do Inventário Participativo. A partir de etapas pré-definidas, os agentes/produtores devem reconhecer objetos de pesquisa dentro de um recorte por eles delimitado, como protagonistas da constituição do inventário.

Embora não haja uma padronização metodológica, pode-se interpretar que as orientações do Manual organizam-se em três etapas (Figura 1): no *Planejamento*, distribuem-se tarefas e mensuram-se recursos disponíveis. Listam-se locais e bens culturais e obtêm-se permissões para pesquisa por meio de fichas específicas. Na *Pesquisa*, iniciam-se as coletas de dados primários - entrevistas, visitas, conversas não-estruturadas - e secundários - documentos, livros, artigos e notícias. Novas fichas são utilizadas nesta etapa que também é responsável pela captura de mídias (fotografias, vídeos, áudios, etc.). Por fim, o trabalho do inventário pode ser divulgado a partir de meios audiovisuais, etapa que denominamos *Apresentação*.

Figura 1: Fases e recursos do Inventário Participativo



Fonte: As autoras (2025) baseado em IPHAN (2016)

O Manual possui materiais anexados, as chamadas fichas. Elas direcionam as coletas com precisão, com instruções associadas ao seu preenchimento. Os modelos de fichas são classificados como estruturantes ou de categoria. Enquanto as primeiras definem o universo do inventário, listam fontes pesquisadas e registros fotográficos, as demais são focadas em identificar e descrever os bens culturais estudados a partir de uma distribuição em cinco

categorias distintas¹, para contemplar suas especificações e análises. Além disso, são produzidos registros em mídias distintas, que servem de apoio para a documentação.

Com o preenchimento das fichas, vem a etapa de apresentação. Em primeira instância, ela opera como uma contrapartida para as comunidades detentoras do patrimônio, que são consultadas durante a pesquisa. Mas é, principalmente, uma estratégia para compartilhar o conhecimento estruturado ao longo do trabalho para que ele tenha maior alcance e permanência.

[...] Discutam formas de apresentação dos produtos resultantes para os grupos ou comunidades envolvidas: envio de cópias dos inventários; exposições itinerantes produzidas com materiais de baixo custo; criação de blogs com os conteúdos, como forma de democratização e difusão da informação; atividades de educação patrimonial que visem mediar e promover o intercâmbio de experiências e dos resultados obtidos na realização dos inventários (IPHAN, 2016).

Assim, as mídias coletadas para dar suporte às fichas podem ser utilizadas em seu formato original ou mesmo editadas/remixadas para o projeto de exibição, já que não visam constituir apenas documentação, mas também, experiência. A produção de um documentário, por exemplo, com trilha sonora, abertura, efeitos especiais, etc., é interessante para expor manifestações culturais dinâmicas como danças, festividades ou confecção de artesanato. O Manual, no entanto, possui pouco conteúdo dedicado à etapa de *apresentação*. Embora reserve comentários quanto à importância da divulgação, os encaminhamentos carecem de recomendações sistematizadas para apresentar os resultados.

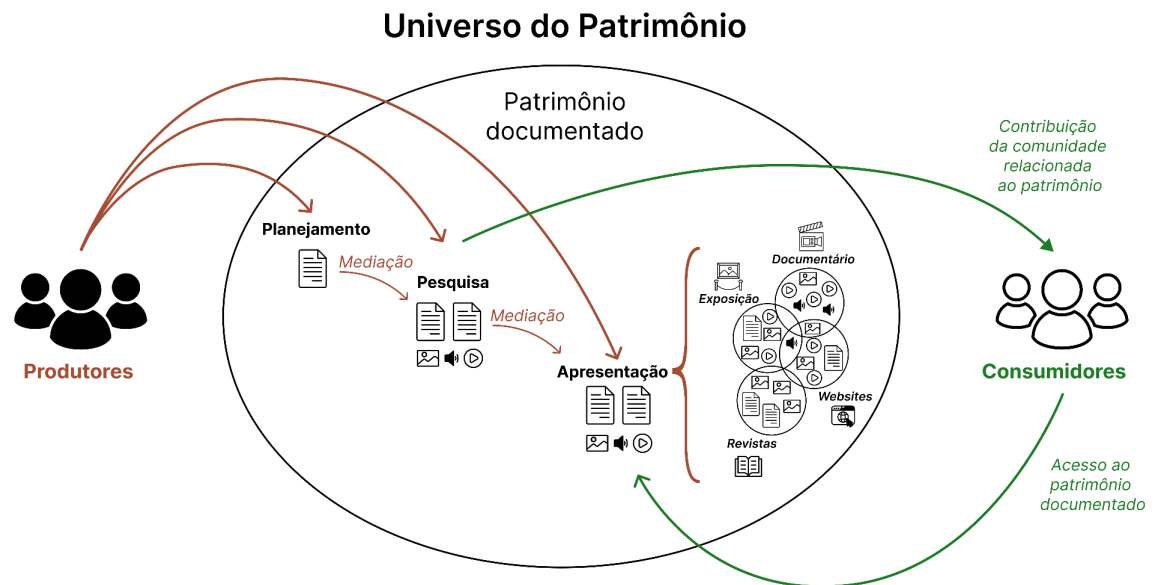
3 A apresentação de informação do inventário

O design da informação é um facilitador de processos de percepção e compreensão de informações que podem ser apresentadas de forma linguística e não-linguística. A sua intervenção é relevante para tornar conteúdos acessíveis a partir de estruturação, ordenação e classificação condizentes ao contexto e ao público-alvo designado (Frascara, 2011).

Antes de estabelecer correspondência, é necessário reforçar a distinção entre os atores do Inventário participativo, os produtores (participantes) e consumidores (público). Enquanto os produtores estruturam, pesquisam e organizam o inventário do planejamento até a fase de apresentação, o público terá acesso ao inventário documentado, após diversas camadas de mediação. Assim, os produtores exercem curadoria dos conteúdos e meios pelos quais serão divulgados. Os consumidores, por sua vez, não estão meramente à espera do inventário para absorvê-lo: em primeiro lugar, o patrimônio pode ser experienciado diretamente no mundo; em segundo lugar, mensagens não são recebidas passivamente, mas interpretadas. A perspectiva do consumidor (público) pode ser transposta ao design da informação a partir do usuário, figura que Frascara (2011) descreve como alguém que pensa por si mesmo, com gostos e preferências próprias, que não podem ser medidas por parâmetros universais.

¹As cinco categorias são: Saberes, Formas de Expressão, Lugares, Objetos e Celebrações.

Figura 2: Papéis comunicacionais no Inventário Participativo



Fonte: As autoras (2025) baseado em IPHAN (2016)

A disseminação do inventário, uma produção dinâmica e sujeita à ressignificação (Motta & Rezende, 2016), é atravessada por fatores culturais e simbólicos, que, em um cenário ideal, deveriam ser discutidos e pensados previamente à etapa de apresentação.

Frascara (2011) esclarece que há dois momentos no design da informação: 1) organização de informação, em que seus conteúdos e unidades de significado são definidos, e 2) planejamento e implementação de sua apresentação visual. Podemos associar o primeiro momento de organização de informação às etapas de planejamento e pesquisa no Inventário Participativo, que acontecem com suporte das fichas. Já o segundo momento, corresponde à etapa de apresentação. Contudo, visto que não há recomendações que informem/direcionem os materiais coletados para um projeto de difusão, percebe-se uma lacuna entre esta última etapa e as demais.

Considerando o Inventário Participativo do Iphan como um instrumento de coleta e difusão de informação, há oportunidades para sua lapidação com apoio do design da informação. Os estudos consultados (Andreolla, 2019; Santana, 2021) que utilizam este instrumento do Iphan não focam na etapa de difusão e sua relação com o público, mas sim, em constituir documentação e registro. O fato do Manual não trazer orientações sistematizadas para a divulgação pode acarretar em uma apresentação com pouco direcionamento, e talvez, por isso, esse não seja um ponto de muita atenção nas aplicações. Nesse sentido, observa-se uma oportunidade de aprimorar essa fase para assegurar maior autonomia aos produtores para o uso de ferramentas e técnicas para apresentação e comunicação. Um caminho possível é a criação de uma nova ficha estruturante, a qual sugerimos chamar Ficha de Apresentação, que traria instruções projetuais claras, além de uma documentação de materiais, recursos visuais, mídias necessárias e atribuições de tarefas para essa etapa em particular.

4 Considerações Finais

O Inventário Participativo é um instrumento adaptável, aplicável em diferentes contextos, destinado ao desenvolvimento de documentação e conhecimento acerca do patrimônio cultural a partir de perspectivas comunitárias. Este trabalho buscou identificar aproximações e diálogos possíveis entre este instrumento e o processo de design da informação a partir da análise do Manual de Aplicação do Inventário Participativo. Como resultado, percebemos que, embora não exposto diretamente, a inventariação estrutura-se em distintas etapas de organização e apresentação da informação, envolve atores com papéis comunicacionais diferentes; e resulta em formas de difusão através de mídias.

A etapa de apresentação no Inventário Participativo é responsável pela difusão do patrimônio documentado. O Manual, contudo, carece de recomendações mais sistematizadas para que os produtores do inventário sejam direcionados aos instrumentos e técnicas adequadas para a difusão das informações coletadas. Acreditamos que, a partir desse vínculo, seriam possíveis ações mais endereçadas aos objetivos estabelecidos no projeto de difusão, o que ofereceria uma nova camada de mediação/experiência com o material inventariado.

Referências

- Andreolla, L.A. (2019) *Inventário Participativo de Patrimônio Cultural em Fazenda Souza/RS*. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional, Universidade de Caxias do Sul.
- Frascara, J (2011). *¿Qué es el diseño de información?*. Buenos Aires:Infinito.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (2016). *Educação Patrimonial: Inventários participativos - Manual de Aplicação*. Brasília-DF.
- Lira, B. F. (2018) Autêntico para quem? A noção de autenticidade do patrimônio cultural na contemporaneidade. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 14, n. 2, p. 272-298.
- Loretto, R. P. (2016). *As [des]venturas da integridade no Patrimônio Mundial*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- Motta, L., & Rezende, M. B. (2016). *Inventário*. Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.
- Santana, L. F. (2021). *Trajetória, histórias e transformações da construção que abriga o Museu Histórico e Cultural de Arraías: tecendo memórias a partir do inventário participativo do IPHAN*. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Monografia do Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental, Universidade Federal do Tocantins.
- Shedroff, N. (2000). Information interaction design: a unified field theory of design. In: JACOBSON, Robert (Org.). *Information Design*. London: MIT Press.

Sobre as autoras

Eduarda Antunes Saretta, graduanda, UFF, Brasil <esaretta@id.uff.br>

Júlia Rabetti Giannella, Dra., UFF, Brasil <juliagiannella@id.uff.br>